



APRESENTAÇÃO

A UTOPIA QUE NOS MOVE, DE NOVO E DE NOVO QUANTAS VEZES FOR PRECISO

Tânia Mara Pedroso Müller¹

*Não, Tempo, não zombarás de minhas mudanças!
As pirâmides que novamente construístes
Não me parecem novas, nem estranhas;
Apenas as mesmas com novas vestimentas.
William Shakespeare*

Deveras adequada e coeva a poesia de Shakespeare sobre o tempo para entender o que vivemos. Tempo de incertezas. De verdades e mentiras. De acordos e desacordos. De dissensos. Falsos novos, antigos e mesmos estranhos. E como cantou Cazusa “porque o tempo, o tempo não pára”. Não pára de nos surpreender também. De nos desnortear a ponto de muitas vezes, momentaneamente nos imobilizar. Por outras, nos prepara para a luta. Desperta a argúcia de que é preciso resistir. E resistência é um conceito que a população negra conhece na pele. Conhece cedo! E pratica desde sempre, marca seu passado, seu presente e a incita para o futuro. O que nos induz a sopesar o pensamento de Einstein “A distinção entre passado, presente e futuro não passa de uma firme e persistente ilusão.”². E é por isso que é a utopia que nos move. E por acreditar que nossos sonhos são possíveis, de nossos pleitos se tornarem realidades, que resistimos.

Esta Revista representa nossa resistência. Expressa nossa capacidade, negras e negros, de nos aventurarmos pelas brechas deixadas, circundando margens, invadimos espaços e rompemos com a ideia de que estamos retidos, de que fomos vencidos. Continuamos na luta, avançando nas nossas conquistas e afrontando as durezas dos embates e tentativas de renúncia ao sonho. Mais um número lançado. Nele trazemos a público reflexões, pensamentos, estudos e investigações que representam que o “tempo não pára” e no qual expressamos nossa confiança em nossos escritos como forma de oposição as omissões e opressões.

¹ Pós-doutora em Antropologia Social. Professora da Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Relações Étnico-raciais do Cefet/Rio. Coordenadora da Equipe Editorial da Revista da ABPN.

² Einstein, Albert. A Teoria da Relatividade: sobre a teoria da relatividade especial e geral (para leigos). L&PM Editores - Porto Alegre, RS - 2013. P. 34-40.



Os textos aqui apresentados contemplam as áreas de história, educação, literatura e comunicação em suas diferentes e múltiplas abordagens. Por isso convido as leitoras e os leitores a navegarem conosco nesse fervilhar de ideias.

Iniciamos com o texto de Egleia Adalgizo Minas e Leonice Domingos dos Santos, *O Movimento Negro, a Constituição de 1988 e a questão da territorialidade na preservação de uma cultura: a comunidade remanescente da Caçandoca*, que relata estudos sobre a luta pela apropriação de terras remanescentes do período escravagista das quais a população adquire direito de posse após a Constituição Federal de 88, tendo como referência as lutas da comunidade remanescente da Caçandoca – Fazenda localizada no município de Ubatuba/SP, para a legitimação do direito à terra previsto no texto constitucional, sua organização e assunção da identidade quilombola para a conquista do direito adquirido, que permite revelar elementos do preconceito racial e da exclusão social do negro no Brasil.

Avançamos como o artigo *Resistência e luta do movimento negro no Brasil: da rebeldia anônima na sociedade escravocrata ao enfrentamento político na sociedade de classes*, de Flávia Maria Silva Vieira, que através do resgate dos aspectos históricos, políticos e sociais relacionados à organização dos movimentos negros desvela o processo de participação política e inserção social da população negra ao longo dos últimos anos, a constituição e trajetória do movimento negro, assim como os contextos nos quais ele se insere são fundamentais para entendermos os rumos das políticas públicas de ações afirmativas para a população negra no Brasil e das relações étnico-raciais.

Mergulhados ainda na história apresentamos o trabalho de Luís Thiago Freire Dantas e Roberto Jardim da Silva, *O estatuto ontológico e epistemológico africano em Marcien Towa e Théophile Obenga*, que baseados nos estudos africanos revelam elementos para evidenciar e problematizar os mecanismos usados na construção da noção de esterilidade ontológica e epistemológica da África, buscando mostrar que tal esterilidade foi forjada ao longo da história colonial da África pelo pensamento filosófico Europeu, a partir da perspectiva teórica de Marcien Towa e Théophile Obenga.



Em *Escritos missionários na África sob as críticas dos estudos pós-coloniais* de Jefferson Olivatto da Silva pretende-se por meio da literatura crítica e pós-colonial desvelar os modelos interpretativos que disputavam o espaço simbólico na construção dos escritos missionários do cotidiano colonial do norte da Zâmbia, revelando os jogos de interesses políticos, econômicos e religiosos.

Coadunando literatura e mídia João Gabriel do Nascimento em *O branco imposto e o negro conquistado: machado de assis na propaganda da Caixa Econômica Federal* para fazer uma análise seguida de debate sobre os motivos que levaram a produção dessa peça publicitária, bem como, as implicações que a representação de Machado de Assis enquanto branco ocasionou na sociedade, usando como referência a propaganda veiculada em 2011 comemorativa dos 150 anos do banco estatal Caixa Econômica Federal que tem o escritor Machado de Assis como protagonista, mas que foi interpretado por um artista branco.

O artigo “*Globo, eu não sou tuas negas*”: uma análise da comunicação contra-hegemônica em rede no movimento de boicote a minissérie *Sexo e as negas*, de Karen Greco Soares, parte da concepção de que as novas tecnologias de comunicação configuram-se no cenário contemporâneo como espaços de resistência e de visibilidade da questão racial. O texto visa contribuir para a não aceitação de lógicas de preconceito e estigma à população negra, que historicamente se faz presente na mídia hegemônica tradicional, para compreender o contexto de pressão social na esfera da internet no Brasil, no ano de 2014, quando mulheres negras de todo o país mobilizavam-se através de redes sociais em repúdio à veiculação da telenovela *Sexo e as negas*, da Rede Globo de Televisão.

Marcos dos Santos Moreira e Ana Greyce Moraes Pereira adentram por um universo amplo de histórias, de casos e registros em *Abordagem histórica sobre bandas de negros no Brasil* para dissertarem sobre a inclusão de negros nas bandas de música brasileira, e sobre a relevante e essencial participação de negras e negros escravizados nas agremiações filarmônicas.

Em *Política curricular e relações raciais: o estado da arte nas produções da ANPED*, Raquel Amorim dos Santos e Wilma de Nazaré Baía Coelho, apresentam uma



análise de artigos encontradas nos Anais das Reuniões Anais (25^a a 34^a) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), relativas ao período de 2000 a 2011, no Grupo de Trabalho Educação e Relações Étnico-Raciais (GT-21), cuja produção científica está localizada na área da Educação e Relações Raciais, como ênfase temática em seu conjunto de textos: a política educacional, a política curricular, as políticas de ações afirmativas, o Movimento Negro e a Lei nº 10.639/2003.

Cristina Carla Sacramento analisa os discursos produzidos sobre os negros no livro didático “Pequena História do Brasil: por perguntas e respostas – para uso da infância brasileira” (1950), de autoria de Joaquim Maria de Lacerda (1838-1886), em *Apresento-lhes um dos “fatos importantes” do século XIX: a promulgação das leis abolicionistas. Mas pouco lhes digo sobre os negros e a escravidão no Brasil*. Seu estudo teve como objetivo revelar o protagonismo dos livros didáticos na difusão de saberes considerados legítimos e desejáveis num determinado momento histórico e investigar o modo pelo qual o autor constrói a história desses sujeitos atrelada a uma narrativa que apresenta os fatos considerados “notáveis” na história do Brasil.

Concebendo que as relações entre sociedades e bibliografias mobilizadas, servem para instrumentalizar, em pressupostos acadêmicos, uma discussão cada vez mais obscurecida no ensino das Áfricas no Brasil, Marcos Paulo Amorim dos Santos, nos brinda com o texto “*Fé cega, faca amolada*”. Em *defesa das religiões afro-brasileiras como ferramenta para a discussão das Áfricas no Brasil* no qual problematiza a ausência das religiões afro-brasileiras no ensino de África, traçando relações entre produções acadêmicas sobre sociedades africanas pré-coloniais e algumas características investigadas por inúmeros pesquisadores sobre religiões afro-brasileiras.

Professores de história e a lei 10.639/2003: docentes graduados na UFC e UECE e suas práticas em sala de aula, texto de Adriano Ferreira de Paulo e Karlane Holanda Araújo, é resultado da pesquisa realizada com professores do Ensino Médio de História advindos da UECE e UFC que embora não tenham sido contemplados com o componente curricular sobre História e Cultura afro-brasileira em sua formação, mas buscaram estudos complementares que embasassem suas práticas escolares com vistas a aplicação do artigo 26a da LDB.

Elivaldo Serrão Custódio em *Políticas Educacionais e Ações Afirmativas no Amapá: o Programa Amapá Afro* apresenta os resultados da pesquisa realizada para analisar o programa Amapá Afro criado em 2010 através da Lei Estadual nº 1.519/2010 concluindo que este tenha sido instituído apenas como um propósito político de estratégia de governo de ajuste as políticas nacionais e globais.

Em *Ser professora negra: entrelaçamento das esferas familiar e profissional*, texto de Aline Oliveira Ramos, Nilma Margarida de Castro Crusoé e Núbia Regina Moreira, que utilizando-se da metodologia história de vida, narra a trajetória discriminatória de vida de uma professora negra. Conclui que a raiz das desigualdades sociais, da imagem negativa criada para o segmento negro, não se limita a um distúrbio moral do brasileiro, mas de uma reprodução sistemática e violenta da ordem racial, que comanda o quadro de inferiorização de um segmento e o enaltecimento de outro.

Com o trabalho *Meu cabelo não é só estética, é também política: os movimentos sociais e as narrativas visuais*, Danielle Christina do Nascimento Oliveira discute trajetórias de mulheres negras que assumiram o protagonismo de suas próprias vidas, utilizando-se de narrativas visuais e verbais de mulheres nos encontros e usos das redes sociais, constata que essas redes são ferramentas de empoderamento e identificação, que propiciam a valorização de suas histórias e o compartilhamento de experiências.

Desejamos a todos tempos melhores, mais felizes e transformadores, bem como tempo para uma leitura prazerosa que produzam novos desejos e novas tessituras.

Boa leitura.